

ANAIS DO
V SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES
UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA

Organizado pelo PROF. EURÍPEDES SIMÕES DE PAULA

**PORTOS, ROTAS E
COMÉRCIO**

VOLUME I

XXXV
Coleção da *Revista de História*
sob a direção do Professor
E. Simões de Paula.



São Paulo — Brasil
1971

O COMÉRCIO DE PELES NA NOVA FRANÇA (*).

GABRIEL ROY.

Professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras
"Nossa Senhora do Patrocínio", Itú, São Paulo.

Do homem das cavernas à elegante dos nossos salões, em climas polares ou em climas tropicais, como agasalho ou enfeite, as peles de animais vêm vestindo a espécie humana e constituem produtos de alto valor comercial. Haja visto a China dos Hia e dos Chang, a Grécia de Jasão, a Roma imperial. A Igreja e os príncipes medievais legislavam severamente sobre o uso das peles. Objetos de luxo, restringiam-se às classes ricas.

"Não nos leitos dourados, entre finos
Animais de Moscóvia Zibelinos." *Lustadas*, VI, 95.

Abundantes na Europa setentrional, seu comércio propiciou bons lucros à Liga Hanseática. Nos Tempos Modernos, incentivou a Rússia a conquistar a Sibéria e é mencionado com frequência nas cartas de navegação dadas aos exploradores do Novo Mundo.

O descobrimento da América proporcionou nova e rica fonte. Antes da primeira viagem de Cartier (1534), bascos, bretões, portugueses e outros arribavam aos bancos da Terra Nova onde se entregavam à pesca do bacalhau e da baleia. A terra firme só lhes interessava para o conserto de suas embarcações, para salgar e secar o peixe. Nessas ocasiões, estabeleceram contactos com os índios, os quais lhes levavam peles de castor em troca de produtos europeus. De sua primeira viagem, Cartier menciona duas frotas de canoas — totalizando 40 ou 50 indígenas — na vizinhança da baía *des Chaleurs*. Escreve a respeito que os índios faziam sinais para se aproximarem da costa e mostravam peles que suspendiam na ponta de varas (1).

(*) . — Comunicação apresentada na 6ª sessão de Estudos, Equipe A, no dia 5 de setembro de 1969 (*Nota da Redação*).

(1) . — Harold A. INNIS, *The Fur Trade in Canada*. Toronto, University of Toronto Press, s/d.

“Peles sedosas e raras de animais quase desconhecidos na Europa, tal como o castor, que aqueciam os portugueses durante os rudes invernos deste país” (2),

gozavam espontânea e ampla aceitação. Das mais procuradas eram também as peles de martas do Brasil (3). Apreciadas eram ainda as de lontra, de alce, de texugo, de doninha, de fuinha, de urso, de lobo, de porco-espinho e de esquilo. A pele do coelho não parece ter tido valor.

Não só nos leitões — dourados ou não — se usaram peles. O castor gozava de mercado seguro na França, na Espanha, na Alemanha, na Polônia e até na própria Rússia. Tornara-se moda, especialmente na forma de gôrrão que, de La Rochelle, se expandiu pela Europa e chegou até a África (4). A pele do castor alimentou uma próspera indústria de chapéus em fins do século XVI, servindo ainda para confeccionar

“pantufos ou chinelos para o palácio de Paris”.

Os pêlos desse animal eram usados na fabricação do feltro.

Acumuladas pelas índias durante o inverno, as peles eram trocadas no verão por machadinhas, facas, alfinetes, pregos, panelas, baldes, cobertores, roupas, pentes, colares e aguardente. Enquanto um novo mercado consumidor se abria para a indústria européia, a economia indígena da América do Norte sofria profunda transformação. O castor surgia como nova unidade monetária, substituindo o wampum. Este, controlado pelos iroqueses, submergia no *crash* que a importação de contas, colares e outros brincos de vidro colorido provocava.

Os postos de troca multiplicaram-se ao sabor da oferta e da procura, da política indígena, parisiense e internacional. Levantaram-se fortes, ao mesmo tempo postos militares e feitorias. Quando uma tribo manifestava mais obediência à religião que ao governo francês, este mandava erigir capela ou fundar missão em seu território. Cabia então ao missionário convencer os índios a levar as peles aos postos franceses.

Desses centros, irradiavam os “batedores de mata” à procura de novas nações indígenas, de novos territórios, de novas peles. “Ban-

(2). — Eduardo BRAZÃO, *Les Corte-Real et le Nouveau-Monde*. RHAFF (Revue d'Histoire de l'Amérique Française), Montréal, Vol. XIX, N° 3, pág. 336.

(3). — Robert LE BLANT, *Un compagnon blaisois de Samuel Champlain: Jean Rauvau (5 janvier 1576 — après le 1.er janvier 1628)*. RHAFF, Vol. XIX, N° 4, pág. 504/505.

(4). — Ernst SAMHABER, *História das viagens de descobrimentos*. Tradução de A. Della Nina, São Paulo, Melhoramentos, 1965.

deirantes” a seu modo, foram os responsáveis pela expansão territorial da Nova França. Antes de os ingleses terem transposto os Apalaches, os franceses haviam penetrado mais de 2.000 quilômetros no interior do continente. As vias fluviais determinaram a trama dessa ampla rede que se pode seccionar do seguinte modo: Acádia, Baixo e Médio São Lourenço, Rio Ottawa — Alto São Lourenço — Grandes Lagos, Mississipi-Missouri-Ohio, Richelieu-Lago Champlain-Hudson, Baía de Hudson.

*
* * *

ACÁDIA.

Quando os reis de Espanha e de Portugal repartiam entre si o Nôvo Mundo, a França andava distraída pela Itália. Soube reagir, contudo, e reclamar sua parte, como o provam as expedições de Verazano (1524) e de Cartier (1534-1541). A seguir, durante as guerras de religião, o esforço oficial da França ficou suspenso. Uma vez serenado o clima político do país, Henrique IV pôde sonhar com um império americano. Nesse intuito, o marquês de La Roche foi autorizado a fundar uma penitenciária, na atual Nova Escócia. A experiência fracassou. Em 1603, Pierre du Gua, senhor de Monts, obtinha a concessão do território compreendido entre os paralelos 40 e 46 (5) — isto é, do sítio atual de Filadélfia até metade da ilha do Cabo Bretão — assim como o privilégio do comércio por 10 anos. No ano seguinte, De Monts e seu sócio Samuel de Champlain exploraram o litoral da Acádia e da Nova Inglaterra e fundaram uma “habitação” provisória numa lha da foz do rio Sainte-Croix. Em seguida, a incipiente colônia transportou-se para a “baía dos franceses” ou de Port-Royal (Fundy). De Monts não considerava êsse nôvo local como definitivo e procurava ao sul algum sítio melhor. Chegou a projetar um estabelecimento no lugar onde está hoje Nova York, mas sendo-lhe retirado o monopólio em 1607 (6), êsse nôvo projeto foi abandonado (7).

Abriam-se aí quatro rotas comerciais de reduzido alcance: são os rios Saint-Jean, Sainte-Croix, Pentagouët (Penobscot) e Kennebec. Port-Royal tornou-se o centro colonial e comercial da região.

(5). — NOUVEAUX DOCUMENTS SUR CHAMPLAIN ET SON ÉPOQUE. vol. 1 (1560-1622). Ottawa. Publicação dos “Archives Publiques du Canada”, N^o 15, 1967. pág. 129.

(6). — NOUVEAUX DOCUMENTS ... *op. cit.*, pág. 137-138.

(7). — Marcel TRUDEL, *La Nouvelle-France, 1604-1627*. RHAF, Vol. XIX, N^o 2, pág. 203-204.

Muito agitados fora nos primeiros anos dessa colônia da Acádia. As dissensões internas, às disputas entre huguenotes e católicos, aos desentendimentos entre os dirigentes, às lutas sistemáticas entre os comerciantes de peles da Acádia e os do São Lourenço acrescentava-se uma dura concorrência por parte dos ingleses que, em 1613, arrasaram Saint-Sauveur, Sainte-Croix e Port-Royal. Sempre mais, reservavam-se o comércio nos rios Kennebec e Penobscot ao mesmo tempo que reclamavam para si todo o território até o paralelo 45 (8).

*
* *
*

BAIXO E MÉDIO SÃO LOURENÇO.

Embora os reis não se interessassem pela Nova França durante os 60 anos que se seguiram às viagens de Cartier, a pesca no golfo prosseguia e o comércio de peles intensificava-se. No início do século XVII, os mercadores de Caën mantinham uma feitoria em *Miscou*. Visitas freqüentes recebiam *Percé* e *Gaspé* bem antes de o Saint-Étienne e o Grand Saint-Jean-de-Saint-Bris, dois navios pertencentes a Pierre du Gua, zarparem de Saint-Malo

“tant pour faire pesche de poissons mollues que pour la traicte et traffiq de pelleterye avec les Sauvaiges et gens dudict pays” (9).

Dessa viagem, du Gua reclamou e obteve 25% do valor da mercadoria, a saber, 1050 libras tornesas (10). Em *Matane*, só alguns contrabandistas de peles passavam invernos, assim os de La Rochelle na primavera de 1616, apossaram-se de tôdas as peles antes da chegada dos navios da Companhia do Canadá.

*

a). — *Tadoussac*. Na confluência dos rios Saguenay e São Lourenço, *Tadoussac* era, já na época de Cartier, a principal feitoria. Os navios oceânicos não ultrapassavam êsse ponto. Aí chegavam, por intermédio dos índios *montagnais*, as peles das nações do norte. E' que a via fluvial do São Lourenço estava impedida pelos iroqueses, agricultores com poucas peles para comerciar. As nações do Oeste, mormente a dos algonquinos, estavam reduzidas a recorrer a rotas de longos desvios com inúmeros e penosos transportes. Por isso, usa-

(8). — *Idem, Ibidem*, pág. 221.

(9). — NOUVEAUX DOCUMENTS... pág. 178

(10). — *Ibidem*.

vam embarcações pequenas que três homens podiam carregar. Outras havia, menores, que dois homens transportavam juntamente com a carga. As vezes por 7 a 8 léguas, mata a dentro (11), subiam o rio Gatineau e entravam pelas ramificações do Saint-Maurice de onde atingiam a bacia do lago Saint-Jean. Desciam depois o rio Saguenay até Tadoussac (12). De volta, levavam os produtos europeus às tribos aliadas, até os hurões da baía Georgiana, a uns 2.400 quilômetros no interior do continente. A superioridade que o uso do ferro deu aos índios aliados aos franceses permitiu-lhes desalojar os iroqueses de Stadaconé (Quebec) e de Hochelaga (Montreal) (13).

A feitoria de Tadoussac era freqüentada por muitos comerciantes europeus: bretões tais como François Gravé; normandos como Pierre Chauvin que se comprometera a estabelecer 500 colonos no Canadá, mas cuja tentativa reduziu-se a um pôsto de uns 15 homens em Tadoussac; bascos que, em 1608, receberam os enviados de Pierre du Gua a tiros de canhão e se apossaram do melhor das peles.

Também os holandeses fizeram incursões em Tadoussac, o que se deprende de duas cartas de Henrique IV aos Estados de Holanda (1607) solicitando

“de faire defense à ceux de vos pays et obeissance de plus aller trafiquer dans la riviere du dict Canada” (14).

Anteriormente, a 11 de janeiro de 1606, Nicolas de Beauquemar, mercador de Rouen, fizera acôrdo com mercadores de Amsterdão para “fazer a viagem de Canadá” e o comércio das peles com os índios de Tadoussac. Segundo uma declaração de Pierre du Gua, Jean Ralluau e Nicolas de Beauquemar estiveram na Holanda, por mando do mesmo Pierre du Gua, antes de 11 de abril de 1607, a fim de impedir os flamengos de ir ao Canadá. Dessas marchas e contramarchas de Beauquemar, havemos de deduzir que Pierre du Gua, com o apóio do rei, forçou Beauquemar a anular certos entendimento anteriores relativos ao comércio das peles com os índios de Tadoussac.

Por outro lado, antes dessa mesma data de 11 de abril de 1607, Hendricq Loncq, filho de Cornelius Loncq, dono do navio *Blanc Lion*, roubara 4 canhões e 2 âncoras em Tadoussac, a um navio pertencente a Pierre du Gua (15).

(11). — Harold A. INNIS, *op. cit.*, pág. 24.

(12). — Marcel TRUDEL, *Un nouvel inventaire du Saint-Laurent, 1603*. RHA.F. Vol. XVI, N° 3, pág. 317-318.

(13). — *Ibidem*.

(14). — NOUVEAUX DOCUMENTS... pág. 132.

(15). — *Ibidem*, pág. 135. Esse mesmo Hendricq Corneliszoon Loncq encontrava-se em Pernambuco, em 1630. Havia sido o imediato de Piet Heyn por ocasião da captura da “Frota de prata” no pôrto cubano de Matanza, na noite de 7-8 de setembro de 1628.

As visitas a Tadoussac continuaram numerosas, pois em 1611, os índios ainda aguardavam a chegada de vários navios a fim de comparar as vantagens diversas oferecidas pelos comerciantes europeus (16). Uma *Relation* dos jesuítas (agosto de 1626), menciona o testemunho de um velho índio que conta ter visto até 20 navios na barra de Tadoussac. O mesmo acrescenta que desde que se restabeleceu o monopólio, só se viam 2 navios, no início de junho de cada ano (17).

Maior centro de troca até a primeira década do século XVII, Tadoussac começou a declinar quando os *montagnais*, ajudados pelos hurões e pelos algonquinos, desimpediram os rios Ottawa e Saint-Maurice, afastando os iroqueses para o sul. Entre os anos 1603 e 1608, os hurões navegavam no rio São Lourenço e até no rio “dos iroqueses” (*Richelieu*). Em 1609, Champlain encontra-os dirigindo-se a Quebec.

*

b). — *Quebec*. Se bem que por um ano apenas, de Monts obteve (1608) a renovação do monopólio do comércio das peles no Canadá (18). Champlain aproveitou a oportunidade para iniciar um empreendimento no rio São Lourenço. Aí, argumentava êle, não se sofreria tão intensamente a concorrência européia e, interiorizando-se, poder-se-ia contar com uma importante liga de índios a qual cobria imenso território, desde o Gôlfo até os Grandes Lagos. Por ocasião de uma *tabagia* (festa indígena) a que assistira em companhia de Pont-Gravé, em 1603, em Tadoussac, conversara com os chefes da liga e êstes prometeram que toda essa vasta região estaria aberta ao comércio dos franceses, com a condição de que êstes os apoiassem em suas guerras contra os iroqueses.

Champlain contava com as peles para fornecer a seu chefe, de Monts, um meio de refazer-se dos prejuízos sofridos na Acádia e para interessar os mercadores no financiamento do povoamento de uma colônia. Em julho de 1608, enquanto Pont-Gravé permanecia em Tadoussac onde juntava as peles que iriam custear a viagem, Champlain tomava as primeiras providências no sentido de iniciar uma feitoria em Quebec.

Diante da oposição dos bascos, de Monts não pôde fazer vigorar o monopólio cujo prazo terminou no ano seguinte. A incipiente fundação passou então a servir de mero empório para os mercadores de La Rochelle. Ao dar-se conta de que a colônia não tinha condições de sobrevivência sem os privilégios do monopólio, Champlain resolve interessar os poderosos da França e, por meio dêles, conse-

(16). — Harold A. INNIS, *op. cit.*, pág. 32.

(17). — Harold A. INNIS, *op. cit.*, pág. 33.

(18). — NOUVEAUX DOCUMENTS... pág. 168.

guir favores. Atua com tanta eficácia que, a 13 de novembro de 1612, o rei nomeia Henrique de Bourbon, príncipe de Condé, seu lugar-tenente geral na Nova França, com os privilégios do monopólio, desde Quebec, rio acima (19), por doze anos, com a obrigação de estabelecer no país seis famílias por ano. Contando com a proteção da família de Condé, Champlain organiza a Companhia de Rouen ou dos Mercadores, a qual só se preocupa com o comércio das peles, atividade em que considera os colonos como rivais. Em vez de enviá-los, procura impedir a ida deles à Nova França. Apesar do sonho do fundador de uma colônia de povoamento assentada no cultivo da terra, na extração mineral e no comércio da madeira, o comércio das peles continua a dominar totalmente a economia. Uma *Relation* informa que, em 1626, só havia uns oito a nove hectares de terras cultivadas (19a) enquanto o comércio das peles rendia até 200.000 £ por ano.

Champlain conseguiu a dissolução da companhia cujos privilégios passaram para uma nova sociedade, a Companhia de Caen. Os diretores desta última eram huguenotes e punham entaves à difusão do catolicismo. Aproveitando-se das reivindicações, Richelieu, que em 1624 acedera ao ministério, extinguiu a Companhia de Caen e a substituiu pela da Nova França, melhor conhecida por Companhia dos Cem Associados (1627).

O desenvolvimento da colônia tardava. Em 1629, quando os Kirke tomaram Quebec, a “habitação” só contava com 72 pessoas. Após a devolução, pelo tratado de St-Germain-en-Laye, Champlain foi nomeado governador e a Companhia dos Cem Associados enviava com êle 200 colonos, em 1633. Quebec passou a progredir de acordo com os planos de seu fundador. Não iria mais depender totalmente das peles. Um outro fator ia contribuir para afastar de Quebec boa parte do comércio com a Liga: a fundação de uma “habitação” e de um forte na foz do rio Saint-Maurice.

•

c). — *Trois-Rivières*. Em 1603, a atenção de Champlain dirigiu-se para o local onde está hoje Trois-Rivières. Referindo-se a êle, escrevera que seria

“un bien pour la liberté de quelques nations qui n’osent venir par là, à cause desdits Irocois, leurs ennemis qui tiennent toute ladite rivière de Canadas bordée: mais étant habitée, on pourroit

(19). — NOUVEAUX DOCUMENTS ... pág. 233-241.

(19a). — “18 à 20 arpents”, diz a relação.

rendre lesdits Irocois & autres Sauvages amis, ou à tout le moins sous faveur de ladite habitation, lesdits Sauvages viendroient librement sans crainte & danger” (20).

Trinta e um anos depois, enviará Laviolette para construir um forte e uma “habitação” nesse local. Aí, e mais ainda em Sainte-Victoire, na margem sul, os índios da Liga levavam suas peles, de acôrdo com a aliança firmada em 1603. A manutenção das boas relações, porém, não estava isenta de preocupações e de decepções. Os *montagnais* eram de vingança fácil e propensos a comprar com peles o perdão de seus assassínios. Champlain conseguiu colocá-los debaixo de sua autoridade, fazendo com que seus chefes fôssem aprovados pelos franceses. Quanto às demais nações, mais afastadas, não se podia conseguir muita influência em sua política. O recurso foi deixar no meio delas intérpretes que se encarregariam de levar tais peles, tôdas as primaveras, aos postos franceses.

A melhoria dos instrumentos de caça provocou a rarefação do castor nas proximidades do São Lourenço. Logo no ano seguinte à fundação (1635), uma *Relation* dos jesuítas menciona que o castor andava sumido de Trois-Rivières (21). Como o índio não conseguia, sem o castor, obter os produtos europeus, teve de sair em busca de novas e remotas áreas.

*
* *
*

RIO OTTAWA — ALTO SÃO LOURENÇO — GRANDES LAGOS.

Em 1641, ainda havia só duas feitorias no Canadá, Quebec e Trois Rivières, totalizando 300 habitantes. O comércio das peles continuava a se efetuar totalmente em país alágico.

A corrente espiritualista que atravessava a França lançara um empreendimento religioso: um núcleo colonial chamado Ville-Marie, em uma das ilhas localizadas na confluência dos rios Ottawa e São Lourenço. Logo, a convite da geografia, o plano dos fundadores sofreu alterações. Ponto de chegada da principal rota de peles, o núcleo nascente havia de transformar-se em feitoria. Término oeste do comércio atlântico e ponto de partida para o interior, Montreal foi o centro do comércio de peles até o ano 1820. Todos os seus habitantes eram — com maior ou menor intensidade — comerciantes de peles e muito repercutia nêles a instabilidade dêsse comércio. A oeste de Montreal, os governadores impediam as concessões

(20) . — CHAMPLAIN, *Oeuvres*. Biggard, I, pág. 138.

(21) . — Harold A. INNIS, *op. cit.*, pág. 28.

de terras (22). Estabelecimentos ao longo do alto São Lourenço e do rio Ottawa estariam expostos aos ataques dos índios e, o que era muito mais sério aos olhos dos oficiais, agravariam o problema da fiscalização. Naturalmente, os moradores de Montreal usaram essas rotas legal e ilegalmente e quase impunemente. Castigos havia, sim; mas vindos dos iroqueses. A aliança dos franceses com os algonquinos e os hurões tornara-os hostis. Quando viram a colônia estabelecer-se em Montreal, sentiram-se ameaçados em seu próprio território e resolveram eliminar os intrusos. Nisso, tinham o apóio e o incentivo dos holandeses e dos ingleses.

As guerras iroquesas alastraram-se por vinte e cinco anos, causando enormes prejuízos à colônia. Entre outros, as rotas comerciais tornaram-se inseguras e o rio Ottawa constantemente infestado pelos iroqueses. O heroísmo de dezessete jovens franceses, no Long-Sault, em maio de 1660, muito ajudou a desimpedir esse rio. No ano seguinte, índios ottawas, nipissingues e outros que os iroqueses haviam afastado para o oeste, organizaram uma flotilha de peles composta de 60 embarcações. Desceram o rio Ottawa sem empecilhos e chegaram a Montreal no fim do verão (23). Eram dirigidos por 7 franceses que foram além de Sault-Sainte-Marie, durante o outono de 1660.

Em 1615, Champlain fôra à Hurônia — Baía Georgiana — subindo o rio Ottawa, seguindo pelo Mattawa, pelo lago Nipissing e pelo rio “dos franceses”. Diante da insistência dos hurões, aceitou juntar-se a eles numa guerra em território iroquês, ao sul do lago Ontário. Como os reforços esperados não chegaram, os aliados tiveram de se retirar. Para os iroqueses, essa luta teve um feliz êxito, logo completado por uma aliança com os holandeses que se haviam estabelecido em Nova Amsterdão (1614).

A Hurônia ficou abandonada, a seguir, durante sete anos. Em 1623, somando o desejo de evangelização ao receio de que o mercado hurão se desviasse para a Iroquésia, o govêrno resolveu retomar a obra missionária da Hurônia. O mesmo receio levou o govêrno a enviar o recoleto La Roche d'Aillon ao país dos “neutros”, a fim de estabelecer uma rota comercial mais curta de 2/3. Essa rota passaria pelo lago Ontário e pelo alto São Lourenço, permitindo tornar-se o comércio menos dependente da Hurônia. Os hurões, percebendo a ameaça a seu monopólio, arruinaram logo o projeto (24). Mais uma vez, Champlain parece ter ficado detido

(22). — Richard Colebrook HARRIS, *The Seigneurial System In Early Canada. — A Geographical Study*. The University of Wisconsin Press, 1968, pág. 10.

(23). — Léo-Paul DESROSIERS, *Revers et Succès, Les Cahiers des Dix, No 27*, Montreal, 1962, pág. 85.

(24). — Marcel TRUDEL, *La Nouvelle-France ...*, op. cit., pág. 218-219.

pelas barreiras que a política indígena colocava na rota dos franceses: no Saguenay, entre os algonquinos e as nações do norte; aqui, na Hurônia. Champlain receava forçar os obstáculos, arriscando comprometer o comércio dos franceses. Não é por acaso que os grandes descobrimentos do Oeste só aparecem depois da dispersão dos hurões, os quais tudo fizeram para não perder o controle do comércio dos Grandes Lagos (25).

Para poder entender toda a jogada política da época, é mister não esquecer que os holandeses e os ingleses do litoral incentivavam os iroqueses a combater as tribos do Oeste com o intuito de conseguir o controle do comércio das peles e desviá-lo de Montreal para Albany. Para o Canadá, seria a ruína certa (26). A essas ambições, juntavam-se as dos iroqueses, os quais necessitavam de peles para adquirir armas a fim de realizar seus projetos de hegemonia política. Seus 3.000 homens em estado de guerrear espalhavam-se por um território imenso, entregando-se à pilhagem como meio de obter as peles (27).

A concorrência determinou a multiplicação dos postos franceses. Montreal, com seus preços inferiores, não podia contentar-se com esperar as peles, tinha que ir buscá-las e levar até os índios os produtos europeus. Com esse fim, foram construídos postos militares que serviram também de feitoria: Catarakouy, Niágara, Michillimakinac. Os concorrentes reagiram. Nos anos de 1685-1687, flamengos e ingleses são encontrados em Michillimakinac. Não conseguem, todavia, desviar o comércio para a Nova Inglaterra (28).

*

a). — *Forte Frontenac.*

No intuito de deter os iroqueses e interceptar o comércio que vinham fazendo com as nações do Oeste e com os ingleses, Courcelle solicitara a construção de um forte no lago Ontário (29). Apesar de indispensável à política francesa, a corte não atendeu às ponderações do governador, nem às do intendente. Pois também Talon fizera-se o advogado de postos no alto São Lourenço e no lago Ontário. Pedira 2 fortes e uma embarcação a vela e a remo a fim de percorrer todos os lugares onde os índios faziam comércio, nas margens do lago. Esses fortes, argumentava Talon,

(25). — *Idem, Ibidem*, pág. 217-218.

(26). — Francis PARKMAN, *The Discovery of the Great West: La Salle*. New York, Holt, Rinehart and Winston, 1965, pág. 239.

(27). — Léo-Paul DESROSIERS, *op. cit.*, pág. 85.

(28). — Harold A. INNIS, *op. cit.*, pág. 54, nota 48.

(29). — Francis PARKMAN, *op. cit.*, pág. 63 e Harold A. INNIS, *op. cit.*, pág. 51.

“tiendraient en crainte les cinq nations superieures, et ouvrieraient le chemin de la Floride (Luisiana) par l'intérieur des terres (30).

O volume do comércio aumentaria e impedir-se-iam os ingleses de Nova York e de Albany de atingir, através da Iroquésia, a região dos Grandes Lagos e do alto São Lourenço.

Em 1672, relações comerciais estavam em via de serem iniciadas entre os índios aliados, os iroqueses e os ingleses. Em lugar algum, porém, havia indícios de que a França tencionava baratear seus produtos ou pagar mais pelas peles; o que teria resolvido a questão. No mesmo ano, um governador ambicioso e enérgico, porém arruinado, o conde de Frontenac, assumia o govêrno da Colônia. Conjugando seus interesses com os de Robert René Cavellier de La Salle, filho de um rico comerciante de Rouen, deu início à execução dos projetos de seus antecessores. Na foz do rio Catarakouy, construiu um forte (1673) que La Salle irá chamar de Forte Frontenac (hoje, Kingston). Muitos comerciantes sentiram-se prejudicados com a nova feitoria. Entre êles, o governador de Montreal, François-Marie Perrot que se desentendeu com Frontenac. Êste o mandou prender e substituir no govêrno. Posteriormente, os dois antagonistas acharam melhor fazer as pazes. No sentido de proteger seus interesses, Frontenac afastara os negociantes mais poderosos tais como La Chesnay, Le Moyne, Le Ber e muitos outros da chamada “aristocracia do castor” enquanto protegia e favorecia os comerciantes interlopes. Essa burguesia, por seus representantes, dominava o Conselho Soberano, o qual passou a hostilizar o representante do rei. A crise foi ainda acirrada pela questão da venda de aguardente aos índios, contra a qual o clero protestou violentamente.

No outono de 1674, La Salle estava na França munido de cartas de recomendação dadas por Frontenac. Recebido na côrte, apresentou duas petições: um título de nobreza e o senhorio do Forte Frontenac. Comprometia-se o pagar os 10.000 francos que o forte custara à Corôa; a manter às suas próprias expensas uma guarnição igual à de Montreal, além de 15 a 20 operários; a formar uma colônia francesa ao redor do forte; a construir uma igreja, tão logo o número de habitações atingisse à centena; a sustentar um ou mais frades recoletos e, finalmente, a formar um estabelecimento de índios domesticados nas vizinhanças. Seus projetos e oferecimentos foram aceitos (31).

(30). — Léo-Paul DESROSIERS, *Frontenac et la paix*. RHAF, vol. XVII, N° 2, pág. 168.

(31). — Francis PARKMAN, *op. cit.*, pág. 74.

La Salle fêz do forte uma sólida obra militar. Aventureiro brilhante, conseguiu o monopólio do comércio de peles do lago Ontário antes de o conseguir também do lago Michigan e do Mississipi. Mas comerciante incapaz, acabou arruinando-se.

Abandonado em 1689, o Forte Frontenac muito atemorizou os iroqueses quando foi restabelecido em 1694. Baluarte na defesa da região, poderia ter sido a feitoria da Iroquésia superior. Aldeias iroquesas haviam sido fundadas ao norte do lago Ontário e perto do forte passavam os iroqueses ao voltar de suas caçadas. Assim, só os *agniers* e os *onneyouts*, por causa da vizinhança, teriam continuado a comerciar com Albany.

*

b). — *Niágara*.

Entre o lago Ontário e o lago Eriê, um segundo forte foi erigido no rio Niágara, em 1679. Seu fundador, Henrique de Tonty, lhe dera o nome de Forte Conti ou mais exatamente, o nome teria sido dado por La Salle segundo se pode deduzir duma carta dêste ao protetor de Tonty. Referindo-se a Tonty, La Salle escreve:

“... está se preparando para iniciar um nôvo forte, 200 léguas distantes dêste lugar, e ao qual tomei a liberdade de designar pelo nome de Forte Conti” (32).

Em 1687, Denonville construiu também um forte na entrada do rio Niágara, provàvelmente no mesmo sítio do Forte Conti. Abandonado em 1689, foi reconstruído entre 1720 e 1727 para defesa. Em tempo de paz, interceptava o comércio que os iroqueses vinham fazendo entre os índios do oeste e os holandeses e os inglêses de Albany.

*

c). — *Michillimakinac*.

A cêrca de 2.000 quilômetros de Quebec, o sítio estratégico de Michillimakinac era o lugar de encôntro obrigatório de todos os que viajavam pelo oeste. Era o ponto de partida das novas expedições. Em 1683, após múltiplas recomendações, o governador da Nova França aceitava manter aí uma guarnição permanente. Desde então, o pôsto foi qualificado de

“Gibraltar das regiões do centro da América” (33).

(32) . — Francis PARKMAN, *op. cit.*, pág. 93-94.

(33) . — Raymond DOUVILLE e Jacques-Donat CASANOVA, *La vie quotidienne en Nouvelle-France*. Hachette, 1964, pág. 184.

Perto do pôsto, os índios levantaram suas tendas. Em certas épocas, sua população flutuante ultrapassava a de Quebec (34).

Michillimakinac era também centro de missões jesuíticas e de comércio de peles. Os próprios jesuítas entregavam-se ao comércio e nunca negaram o fato (35). Discordaram, todavia, quanto à importância do mesmo, pois seus acusadores tinham o exagêro fácil. Nem por isso deixa de ser verdadeira a acusação de que à sombra da cruz era mais intenso o culto a Mamona. Comerciantes astutos, com ou sem autorização, “batedores de mata” que alguns anos de vida na floresta haviam marginalizado da civilização, faziam de Santo Inácio de Michillimakinac o seu refúgio (36).

Os fortes dos Grandes Lagos levavam à existência de outros nos vales do Illinois e do Ohio. Contribuíram, como o desejara Talon, para abrir o caminho da Luisiana. La Salle que planejara a construção de barcos para os Grandes Lagos sonhou em colocá-los também no Mississipi a fim de transportar as peles de búfalo até o gôlfo do México. Aos nomes de Radisson e de Groseilliers que se destacaram a oeste dos Grandes Lagos e que encontraremos mais adiante, convém acrescentar os de Daniel Greysolon Duluth e de Pierre de La Vérendrye e de seus filhos. O primeiro fêz numerosas expedições entre os sioux, guardiães naturais do vale do Mississipi e das regiões limítrofes, riquíssimas em peles. Os segundos, também fizeram de Michillimakinac seu ponto de partida para o oeste remoto. O pai, veterano das guerras européias, conseguira o monopólio, em 1730, para comerciar peles na região do lago Winnipeg, mediante a promessa de procurar caminho para o Oceano Pacífico. Uma rêde de caminhos terrestres e fluviais envolvia tôda a América do Norte nas peles dos mais diversos animais.

*
* *
*

RICHELIEU-LAGO CHAMPLAIN-HUDSON.

O perigo anglo-iroquês pairou ao longo dêsse eixo mais do que em qualquer outro lugar. Uma guerra ora latente ora sangrenta mantinha a população em estado de alerta: a guerra das peles. Iniciada no tempo de Champlain entre o monopólio de Fort-Orange e o dos Cem Associados, só irá ter fim dois séculos mais tarde, com

(34). — *Idem, Ibidem.*

(35). — Gustave LANCTOT, *Position de la Nouvelle-France en 1663*. RHAF, Vol. XI N° 4, pág. 529.

(36). — Francis PARKMAN, *op. cit.* ,pág. 113.

a fusão da Companhia da Baía de Hudson com a Companhia do Noroeste (37).

Nos tempos de Champlain, os iroqueses haviam sido afastados não só do rio São Lourenço, como do rio Richelieu. Foram estabelecer-se ao sul do lago George. Volta e meia, porém, invadiam o São Lourenço, descendo o Richelieu que era também conhecido como “rio dos iroqueses”. Havia necessidade de lutas numerosas para mantê-los afastados. Champlain que em 1609 acompanhou os índios aliados numa dessas guerras, no lago que tem hoje seu nome, e que lutou de novo em 1610 na foz do rio Richelieu, queixava-se da desproporção entre a parte que tomava nas lutas e a que lhe cabia nas peles. Seus competidores aproveitavam-se do comércio sem participar das lutas (38).

Até meados do século XVII, quando conseguiram organizar uma poderosa confederação, os iroqueses foram sumariamente mantidos fora da grande rede de comércio de peles. Os hurões, principais intermediários, faziam-lhes guerra; os “neutros” impediam-nos de frequentar as terras a noroeste dos Grandes Lagos; os algonquinos barjavam-lhes o rio Ottawa. Ao sul, os moicanos fizeram aliança com os holandeses e dominavam o alto rio Hudson (39). Os holandeses haviam construído dois postos: um na foz do rio Hudson (Nova Amsterdão) e outro no médio curso (Fort-Orange). Não só eles, mas também os puritanos estabelecidos desde 1620 em Massachusetts pretendiam comerciar peles. Embora com portos abertos o ano inteiro, o fato de estarem afastados dos bancos de pesca colocava-os em grande dependência das peles (40). A competição e a rivalidade entre os mercadores europeus levou-os a oferecer aos índios mais do que deviam; foram imprudentes, pois com o fim de prejudicar a seus rivais, prejudicavam também a si mesmos. Os índios tornavam-se sempre mais exigentes.

Os ingleses tinham a seu favor, para oferecer, produtos de melhor qualidade, rotas favoráveis entre o rio Hudson e o lago Ontário, mercadorias mais baratas, o que redundava em preços mais altos para o castor. No tempo de Courcelles (1665-1672), os índios obtinham a mesma quantidade de mercadorias em Albany (Fort-Orange) por um castor do que em Montreal com 2 ou 3. O assunto não foi ainda objeto de um estudo profundo, mas encontra-se mencionado, com frequência nos documentos desse período (41). Os próprios franceses,

(37). — Jacques ROUSSEAU, *Le Canada aborigène dans le contexte historique*. RHAF, Vol. XVIII, N° 1, pág. 58.

(38). — Harold A. INNIS, *op. cit.*, pág. 32.

(39). — Marcel TRUDEL, *La Nouvelle-France... op. cit.*, pág. 219.

(40). — Harold A. INNIS, *op. cit.*, pág. 34.

(41). — Léo-Paul DESROSIERS, *Frontenac et la paix...*, *op. cit.*, pág. 165-166.

“batedores de mata” e comerciantes de Montreal foram atraídos por tais vantagens. La Barre escrevia, em 1683, referindo-se aos batedores de mata: há presentemente mais de 60 dêsses miseráveis desertores em Orange, Manatte e outros postos holandeses sob o comando inglês (42). Talon escrevera antes:

“Je m’aperçois qu’ils ruinent le comerce” (43).

Nem as severas penas que proibiam a associação com hereges, inclusive a pena de morte (44), deteve os contrabandistas. Em 1715, Bégon escrevia que todos os anos 50.000 libras (pêso) passavam para os ingleses (45): prática prejudicial ao comércio metropolitano mas “muito proveitosa aos mercadores de Montreal”, os quais escapavam, dêsse modo, ao impôsto de 25% sôbre o castor, enquanto obtinham preços mais altos do que no mercado francês (46). Em 1737, a Companhia das Índias recebeu 180.000 libras de castor e Hocquart afirmou que a maior parte da produção tinha ido para Albany.

Enquanto a prática do contrabando prejudicava a Metrôpole, onde a fabricação de chapéus voltara a florescer, a burguesia canadense pôde juntar alguns capitais e reerguer a indústria da madeira e a construção naval abandonadas desde os tempos de Talon.

*
* *
*

BAÍA DE HUDSON.

Durante uma das breves interrupções das incursões iroquesas, em 1653, Pierre Radisson e Médard Chouart, Sieur de Groseilliers, viajaram pelo rio Ottawa até o lago Michigan. Estabeleceram os primeiros contactos com os índios sioux, desejosos de trocar suas peles por mercadorias européias, sobretudo armas, facas, machados e fuzis. Nos anos seguintes, atingiram, pelo rio Albany, a Baía de Hudson. De volta a Quebec com milhares de libras de peles, procuraram interessar o governador pela nova região. Êsse não deu importância

(42) . — *Documents relative to the Colonial History of the State of New York*, IX, 203, citado por H. A. INNIS, *op. cit.*, pág. 53.

(43) . — Léo-Paul DESROSIERS, *Frontenac et la paix...* pág. 167.

(44) . — Edito de Versalhes, a 10 de abril de 1684. Citado por H. A. INNIS, *op. cit.* pág. 53, nota 46.

(45) . — Rosário BILODEAU, *Liberté économique et politique des Canadiens sous le régime français*. RHAF, Vol. X, Nº 1, pág. 61-62.

(46) . — Jean HAMELIN, *Économie et Société en Nouvelle-France*. Les Presses de l'Université Laval. Les Cahiers de l'Institut d'Histoire, Nº 3, s/d, pág. 49.

à descoberta, mas unicamente ao tributo elevado que exigiu dos dois aventureiros. Desgostosos, dirigiram-se a Boston onde não obtiveram o apóio almejado; só vindo a encontrá-lo em Londres.

Na Inglaterra, formaram uma Companhia de nobres e, em 1668, dois navios, o *Eaglet* com Radisson e o *Nonsuch* com Groseilliers penetravam na Baía de Hudson (47). Numa reação tardia, o governador francês enviou o jesuíta Alpanel com três companheiros, desde Tadoussac, Saguenay, lago Saint-Jean, lago Mistassini, rio Rupert, baía de James. Inúmeras vezes tiveram que carregar a canoa nas costas. Por onde passavam tomavam posse das terras em nome do governador. Encontraram Radisson e Groseilliers e convenceram-nos a voltar a serviço da França. Anos depois, Radisson voltou para o lado dos ingleses (48).

Para compensar os efeitos da aliança entre os *assiniboines* e os *cris* a favor da Companhia da Baía de Hudson, Duluth firmou paz entre essa aliança e os *sioux* (1679), no lago Superior. Essa paz facilitou o comércio das mercadorias francesas (49). Além disso, foram estabelecidos postos ao norte do lago Superior e, em 1678, construiu-se um forte nas margens do lago Nipigon com o intuito de retirar dos ingleses da Baía de Hudson a corrente de peles e atrair os índios para o sul. Numa carta a Frontenac, datada de 5 de abril de 1679, Duluth escreve:

“Si quelques François n'estoient allez au Nord, à la fin de l'année dernière, tous les sauvages dudit lieu auroient porté les pelleteries à la baye d'Hudson”.

O comércio dos índios com a Companhia da Baía de Hudson continuava, contudo, em suas novas feitorias da James Bay. Após a construção do forte Nelson, em 1682, progrediu rapidamente. Nesse mesmo ano, catorze sócios entre os principais mercadores de Quebec, fundaram a “Companhia do Norte” com o intuito de comerciar na Baía de Hudson. Acionistas franceses investiram de tal modo que, em 1693, possuíam a maior parte do capital da companhia. A direção continuou, contudo, nas mãos dos canadenses, mormente La Chesnaye e Le Moyne. Os filhos deste último participaram intensamente nos negócios da Companhia e nas lutas contra os ingleses, não só na Baía de Hudson como na Acádia, em Terra Nova e no baixo Mississipi, entre os anos 1686-1701. Na Baía de Hud-

(47). — George P. SCRIVEN, *The Story of the Hudson's Bay Company otherwise The Company of Adventurers of England Trading into Hudson's Bay*. Washington D.C., St Anselm's Priory, 1929. pág. 6.

(48). — H. A. INNIS, *op. cit.*, pág. 47 e G.P. SCRIVEN, *op. cit.*, pág. 17.

(49). — H. A. INNIS, *op. cit.*, pág. 49.

son, uma expedição financiada por Pierre Le Moyne d'Iberville e por seu irmão, Serigny, desalojou os ingleses. Dois anos depois (1696), Iberville detinha o monopólio do comércio no Norte e o manteve até o ano 1700. Tornara-se responsável pela política canadense de conquista, política necessária ao desenvolvimento do comércio das peles (50).

No outono de 1685, cem homens partiram do rio Ottawa, alcançaram, munidos de esquis, o lago Abitibi onde passaram o inverno. Na primavera seguinte, deixaram-se levar pelas águas até a Baía de Hudson. Duas vias líquidas permitiam atingir os imensos territórios onde durante os longos meses de inverno as peles se amontoavam. Duas companhias, duas nações disputavam entre si um novo Eldorado.

* *
*

CONCLUSÃO.

Durante o regime francês, na paz como na guerra, em tempo de prosperidade como em tempo de estagnação, um fator domina toda a vida da colônia, tanto política, social como economicamente: o comércio das peles. Os interesses desse comércio determinam a política indígena das alianças com os europeus e das lutas entre si. Suscitam a expansão territorial, levando "batedores de mata" ao centro do continente onde darão nascimento à nação mestiça e darão vocábulos franceses às etapas principais da rota do Oeste (51).

A classe superior formará uma poderosa oligarquia a dividir entre si os postos de peles, a ocupar a maioria das funções públicas e irá distinguir-se nas expedições militares. Imensas fortunas constituir-se-ão e desaparecerão com espantosa rapidez. Fáceis os lucros, mas imprevisíveis as flutuações do mercado. Durante todo o século XVII, é a única atividade econômica de ampla envergadura, chegando a ocupar permanentemente mais de 4.000 homens (52). Os lucros, sobretudo em início de escambo, atingem 1.000% (53); pois é freqüente obter dos nativos peles magníficas em troca de uma simples agulha, de um espelho ou de um colar de vidro colorido.

(50). — R. BILODEAU, *op. cit.*, pág. 58-59.

(51). — Jacques ROUSSEAU, *op. cit.*, pág. 58-59.

(52). — Guy FRÉGAULT, *La Société canadienne sous le régime français*. Les brochures de la Société Historique du Canada, nº 3, pág. 12.

(53). — R. DOUVILLE e J.-D. CASANOVA, *op. cit.*, pág. 170; J. HAMELIN, *op. cit.*, pág. 51.

Marcel Trudel sintetizou magistralmente a questão quando escreveu que sobre uma rede de comércio de peles enxertou-se uma colônia. Pensou-se antes naquela do que nesta (54).

* *
*

INTERVENÇÕES.

Profa. *Gilka Ferreira* (Universidade Federal de Goiás — Instituto de Ciências Humanas e Letras).

Diz que o Autor afirmou que a caracterização da Companhia dos Cem, organizada em França, em moldes feudais, pode ser observada na sua economia agrária e sua derivação.

Pergunta, pois, houve disvirtuamento, nesse sentido, devido ao comércio de peles?

*

Da Profa. *Maria Regina da Cunha Rodrigues Simões de Paula* (FFCL-USP).

Solicita dois esclarecimentos:

- 1). — Qual seria a importância quantitativa dos outros produtos em relação ao comércio de peles?
- 2). — Houve influência climática, considerando que os rios da região permanecem gelados durante quase todo o ano?

* *
*

RESPOSTAS DO PROF. GABRIEL ROY.

À Profa. *Gilka Ferreira*.

Champ'ain preocupara-se com a agricultura, mas sem resultados apreciáveis. Não lhe parece, contudo, que o comércio das peles tenha sido o principal responsável pelo desinteresse dos colonos em relação às atividades agrícolas. O clima terá sido o fator principal, pois só permitia o cultivo de produtos semelhantes aos produzidos na Metrópole. Não havendo interesse em cultivar mais do que exi-

(54). — M. TRUDEL, *La Nouvelle-France ...*, pág. 223.

gia o consumo interno, muito tempo sobrava para se dedicar a uma atividade tão lucrativa quanto a do comércio das peles. A economia agrária não ficou sendo desvirtuada, simplesmente não tinha condições para um desenvolvimento maior.

*

À Profa. *Maria Regina da Cunha Rodrigues Simões de Paula*.

Acredito que o trabalho completo responda às indagações da professora, o que o resumo apresentado não permitiu.

A posição do comércio das peles em relação aos outros produtos é de predominância total: 50 a 70% das exportações. De alguma importância era a construção naval e o comércio da madeira. Quanto ao rio São Lourenço, gelado durante quase a metade do ano, única saída para o Atlântico, convém salientar que esse era um problema sério, que muitos governadores sentiram e tentaram solucionar. D'Augour propôs a criação de um forte francês no rio Hudson. Em 1666, Talon sugeriu a compra de Nova Amsterdão. Não lhe chegara a notícia de que os ingleses a haviam transformado em Nova York, dois anos antes. Callières, quando governador de Montreal, planejou tomar Nova York pelas armas. Embora o transporte fosse mais fácil e mais rápido usando raquetas e trenó sobre o rio gelado, o país sentia-se isolado do mundo exterior desde fins de novembro até abril.